

MARCELLO CASAL JR/AGÊNCIA BRASIL



Dedo de Valdemar volta a ser decisivo na campanha

Valdemar volta ao comando da campanha de Flávio

Teve o dedo do próprio presidente do PL, Valdemar Costa Neto, a decisão de mudar novamente o comando da comunicação da campanha do candidato do seu partido, Flávio Bolsonaro. Como contara por aqui o Correio Político, em junho Valdemar tinha tomado a decisão de se afastar da articulação direta da campanha presidencial, deixando essa tarefa de fato para o coordenador, senador Rogério Marinho. Iria focar somente nas campanhas para deputado federal, que são as fundamentais para definir os recursos dos Fundos Partidário e Eleitoral. Essa, a praia de Valdemar. Em julho, tinha até resolvido tirar férias. Estava em Miami, pronto para assistir dos estádios a Copa do Mundo. A crise entre Flávio e sua madrastra, Michelle, foi o ponto de inflexão. Valdemar estava no estádio esperando o início do jogo entre o Brasil e a Escócia quando soube do vídeo de Michelle.

Risco de eleger menos deputados

No dia seguinte, abandonou as férias e a Copa e embarcou de volta para o Brasil. Desde então, é ele quem dá as cartas na campanha de Flávio. Até porque a confusão já estava começando a atrapalhar também o trabalho de eleger deputados federais. A briga de Flávio com Michelle somada à história ainda não explicada do financiamento por Daniel Vorcato, do Banco Master, do filme Dark Horse, vinha derretendo as chances do candidato do PL. E correndo o risco de atrapalhar alianças.

ROVENA ROSA/AGÊNCIA BRASIL



Tereza Cristina evitaria debandada do agro

Duda Lima de volta à comunicação

No momento em que Valdemar estava mais afastado do comando da campanha, tinha sido feita a troca que colocou na comunicação o publicitário Eduardo Fischer e o jornalista Alexandre Oltramari. Eles tinham assumido depois da crise do Master. O responsável anterior, Marcello Lopes, saíra no meio da crise. Duda Lima tinha ficado o tempo todo ainda responsável pela comunicação do próprio PL. Retoma ao posto que comandou em 2022. Foi ele o responsável pela campanha de Jair Bolsonaro, que acabou derrotado.

Problemas com Michelle

Em 2024, Duda Lima tinha chegado a anunciar, numa entrevista, que não iria mais assumir campanhas eleitorais. Segundo o que apurou nos bastidores do PL o Correio Político, internamente o publicitário tinha problemas com Michelle Bolsonaro. A saída dela do comando do PL Mulher após uma discussão dura com Valdemar Costa Neto teria facilitado a sua possibilidade retorno à comunicação da campanha.

Teresa Cristina

Na mesma linha do dedo de Valdemar na campanha, está a tentativa de agora fechar com a senadora Tereza Cristina (PP-MS) para ser a vice de Flávio Bolsonaro. Poderá ser um pouco tarde, mas foi, enfim, feito um gesto político que demorou. Embora a senadora fosse cogitada, não tinha havido até então uma conversa direta com ela.

Alianças

O problema, a essa altura, é que a possibilidade implica a Federação União Progressista aceitar fechar uma coligação com o PL. E os dois partidos, União Brasil e PP, já tinham resolvido que ficariam neutros com relação às candidaturas presidenciais. E isso se dá por conta da estreiteza do PL em abrir espaço para alianças nos estados.

Santa Catarina

O caso de Santa Catarina é o mais notório. Fechou-se uma chapa que só tem o PL. Até com boas chances de reeleger tanto o governador Jorginho Mello quanto os dois candidatos ao Senado, Carlos Bolsonaro e Caroline de Toni. Mas é justamente por isso que se queixam: a força conservadora poderia ajudar a puxar outros aliados.

Senado

Tereza Cristina desejaria mesmo, como já declarou, disputar a presidência do Senado. Mas essa é também uma vaga almejada por Rogério Marinho. E também pelo atual presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), que oscila entre ser aliado de Lula ou embarcar na oposição. Flávio também resistia ao nome de Tereza.

Daniella

Ele preferia a ex-presidente da Caixa Daniella Marques. Até chegou a fazer ensaios de maior exposição dela, quando, por exemplo, apresentou com ela seu plano de governo em torno das questões de gênero. Mas aí a resistência era de Valdemar Costa Neto, para quem ela não tem força política suficiente. Em bom português, não tem voto.

Agro

A tentativa agora de fato com Tereza Cristina visa conter um movimento que comentamos aqui na quinta-feira (30): parte do agro começava a discutir voto útil no candidato do PSD, Ronaldo Caiado, por considerar que ele tem mais possibilidades de vencer Lula no segundo turno. Tereza, como vice, conteria esse ensaio de debandada.

BRUNO SPADA/CÂMARA DOS DEPUTADOS



Congresso tem pouco tempo e pauta extensa neste segundo semestre

Congresso volta do recesso com 87 vetos travando a pauta

Deputados e senadores retomam os trabalhos com projetos pendentes

Por **Beatriz Matos**

O Congresso Nacional retoma os trabalhos na próxima semana com 87 vetos presidenciais travando a pauta de votações. Ao todo, 97 vetos aguardam análise de deputados e senadores, que voltam do recesso pressionados por uma lista de pendências e por um calendário eleitoral que deve encurtar o tempo disponível para acordos. Deputados e senadores voltam aos trabalhos em 3 de agosto, encerrando o recesso parlamentar de julho.

A Câmara e o Senado iniciam o primeiro período de esforço concentrado, entre 10 e 14 de agosto. Nessas datas, as duas Casas deverão reduzir as atividades das comissões e concentrar as votações em plenário.

Os períodos foram acertados pelos presidentes do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), e da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), numa tentativa de fazer avançar parte do que ficou pelo caminho no primeiro semestre. A tarefa, porém, dependerá de acordo entre as lideranças. A última sessão conjunta destinada à análise de vetos ocorreu em maio. Outra, prevista para junho, acabou cancelada diante da

falta de entendimento sobre os itens que seriam votados.

Entre os vetos pendentes estão trechos da Lei de Diretrizes Orçamentárias de 2026, a LDO. Enquanto esses itens não forem analisados, outras propostas também terão dificuldade para ganhar espaço na pauta.

Uma delas é a PEC que acaba com a escala de trabalho 6x1. A proposta, apresentada pelos deputados Reginaldo Lopes (PT-MG) e Erika Hilton (Psol-SP), passou pela Câmara, mas está parada no Senado desde o fim de maio. O governo trata o tema como prioridade e esperava avançar com a votação ainda no primeiro semestre, o que não ocorreu.

A proposta tem forte apelo popular e deverá ser usada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) durante a campanha, no entanto, está travada no Senado por falta de consenso entre Lula e Alcolumbre.

Outras duas propostas também entram no segundo semestre sem definição. A PEC da Segurança Pública, aprovada pela Câmara, aguarda análise do Senado. Já a redução da maioria de penal de 18 para 16 anos continua em discussão numa comissão especial da Câmara.